

# O DIÁRIO DE GUIMARÃES ROSA: VISÕES DA ALEMANHA NAZISTA

Roberta da Costa de Sousa (Doutoranda em Ciência da Literatura,  
UFRJ)

## RESUMO

Além de escritor, o autor brasileiro João Guimarães Rosa foi diplomata. Ele trabalhou em Hamburgo (Alemanha), entre 1938 e 1942. Ele escreveu um diário entre 1939 e 1941. O diário está na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integra a Coleção Henriqueta Lisboa. Nele, há a rotina diplomática na Segunda Guerra Mundial: viagens, reuniões, filmes, teatro, bombas, judias chorando no consulado.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa; diário; diplomata.

## ABSTRACT

Besides writer, the Brazilian author João Guimarães Rosa was diplomat. He worked in Hamburgo (Germany), between 1938 and 1942. He wrote a diary between 1939 and 1941. The diary is in the Federal University of Minas Gerais (UFMG) and it integrates Henriqueta Lisboa's Collection. At the diary, there is the diplomatic routine in the Second World War: trips, meetings, movies, theater, bombs, Jewesses crying in the consulate.

**Key words:** Guimarães Rosa; diary; diplomat.

Pertencente à Coleção Henriqueta Lisboa, do Acervo de Escritores Mineiros, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o caderno mais extenso em quantidade de páginas de Guimarães Rosa corresponde ao, por alguns pesquisadores, denominado “Diário de guerra”, escrito no período em que Rosa viveu na Alemanha sob o impacto da Segunda Guerra Mundial. Com 199 folhas enumeradas, que se inicia do final, com datas de 1941, as citações aqui realizadas mencionam o número da folha e a alteração ao texto limitou-se à atualização ortográfica. Na última página, com data de maio de 1973, há nota que explica ser o volume “cópia de anotações lançadas de próprio punho por Guimarães Rosa”, com “permissão da viúva do autor”.

O diário na Alemanha traz muitos comentários datados de 1939 a 1941, em tópicos e alguns textos em prosa. Também há colagens de recortes de jornais ou revistas alemães, geralmente notícias, mas também anúncios, e até um convite oficial ao “Exmo. Senhor/ Consul Adjunto/ João Guimarães Rosa”.

Percebe-se a rotina do diplomata, viagens e reuniões consulares, em meio aos assuntos da guerra e os triviais cotidianos. Por exemplo, duas colunas, “Haver” e “Deve”, também nomes e “dentista” (ROSA, 1973, f. 23) ou, em meados de 1940, a lista intitulada “Temperos que há no quintal do tio da Ara, em Harburg”, com os itens em alemão. (ROSA, 1973, f. 77). As muitas citações a mudanças climáticas e repercussões delas na natureza são constantes. “Outono. As faias (Buchen) estão cor de cobre.” (ROSA, 1973, f. 14). Sempre escreve sobre o céu, se estrelado ou não.

Em 27 de agosto de 1939, um domingo, refere-se ao aumento da requisição de veículos e o rádio hamburguês anuncia a instituição de cartões para compra de alimentos, roupas, calçados etc, o que leva a crer na inevitabilidade da guerra por uma mulher a que se refere como Martha.

Naqueles anos o início da Segunda Guerra Mundial se reflete no irrisório que se complica no contexto bélico e aborrece: “Ontem= dificuldade para achar cigarros” (ROSA, 1973, f. 2) ou maiores dificuldades: “Não havia água, pela manhã.” (ROSA, 1973, f. 4). O clima ainda piora a situação, em janeiro de 1940: “Neve. Falta de carvão, em toda a parte. Agora falta água quente, nas casas. Não há mais banhos?!” (ROSA, 1973, f. 36). Nenhum ambiente é poupado (13 de outubro de 1940): “Ontem chegou ao Consulado a

comunicação de que não receberemos mais gasolina.” (ROSA, 1973, f. 117). Afeta até a rotina biológica animal, como no comentário de junho de 1940: “As galinhas da Fran Hahn põe ovos à noite, de susto, com o alarma. Perdem-se muitos ovos, assim.” (ROSA, 1973, f. 75). A vida cada vez mais insustentável.

Ao lado de uma frase do banal dia a dia, segue-se o alarme de bombas ou tiros, geralmente com referências precisas de horário. Quando não há a informação exata, a anotação vem acompanhada de justificativa, como em 31 de novembro de 1941: “Ataque, tremendo, cerca de dez da noite (talvez um pouco antes – não sei bem, porque estava no banho<sup>1</sup>. Tiroteio horrível. Parece que caíram muitas bombas incendiárias, pois passavam correndo e buzinando, sem cessar, os carros de bombeiros.” (ROSA, 1973, f. 13).

Os acontecimentos diários em meio ao absurdo da guerra lembram que há espaço para o prosseguimento da vida, a existência de algo mais, como em 1º de setembro de 1940, um domingo, a ida ao cinema, ou o passeio comentado em 9 de outubro de 1940: “Fui ao teatro (“Madame Butterfly”, na<sup>2</sup>). Engraçado é, depois da sessão, a corrida do pessoal para chegar em casa antes do alarma.” (ROSA, 1973, f. 117).

Em agosto de 1941, a guerra já não poupa com destruição de prédios: “Parte do 5º andar foi espatifada” (ROSA, 1973, f. 4); morte de animais “(Bomba no Jardim Zoológico. Camelos mortos. Bichos outros mortos – bombeados ou metralhados. Os ingleses por certo visavam os<sup>3</sup> soldados da Flar, que há no zoo – canhão pesado.)” (ROSA, 1973, f. 4, grifo do autor). Na linguagem, o uso de adjetivos – “Bombas poderosas. Fim de mundo.” (ROSA, 1973, f. 4) – e efeitos estilísticos, como a hipérbole “Chuva de bombas.” (ROSA, 1973, f. 110), em 12 de setembro de 1940. Para expressar a tensão crescente em 15 de setembro de 1941:

“Tiros, tiraços, tirambaços.

Bombas! Bombas e mais bombas.”

(ROSA, 1973, f. 5).

---

<sup>1</sup> Na obra consultada, falta o parêntese final.

<sup>2</sup> Nome ilegível.

<sup>3</sup> Manteve-se a regência verbal utilizada.

Às vezes, simplesmente, a informação sem floreios, como em 29 de setembro de 1941: “Caiu agora uma bomba aqui perto: a casa tremeu, nos seus fundamentos, quase que durante todo um minuto.” (ROSA, 1973, f. 11).

Há várias referências à intensificação da discriminação dos judeus. Em 20 de setembro de 1941, “Ontem começou a obrigação do distintivo na roupa dos judeus.” (ROSA, 1973, f. 8), ao lado desenhou duas estrelas de Davi. “Hoje, à tarde, vi o primeiro: um rapazola, simpático de Knickerlidcker, dando o braço a um cego (distintivo de cego, no braço).” (ROSA, 1973, f. 8). Em 26 de setembro de 1941: “Até crianças de 4 anos, ou menos, com o distintivo amarelo, infamante!” (ROSA, 1973, f. 10). Em julho de 1940, descreve idilicamente uma “praiazinha para crianças”. Ao final, desconstrói o paraíso: “E... mas... para estragar toda a mansa poesia do lugar: arvoraram, num poste, uma taboletazinha amarela: ‘Lugar de brinquedo para crianças arianas’.” (ROSA, 1973, f. 82). Até o que atinge a rotina profissional, em 22 de setembro de 1941: “Judias chorando no Consulado, por terem recebido a ordem de evacuação de Hamburgo, para o dia 24. Horrível.” (ROSA, 1973, f. 13). Citação importante para perceber a sensibilização de Guimarães Rosa em relação ao sofrimento que adentrava o Consulado e que ressalta por serem mulheres. Era uma questão que não havia como se negar a ver, pela presença desesperada todos os dias dentro do Consulado em busca de vistos.

Ao mesmo tempo, anota curiosidades das diferenças culturais, como o título sublinhado a cada palavra, em 24 de novembro de 1939: “Amor livre e bebidas nos países nórdicos”. Segue-se o texto: “Os países frios da Escandinávia têm falta de sol. E o sol é a vida. (...) Então, eles souberam achar, simplificada e vitalizante, a alegria solar eterna, no álcool e no amor.” (ROSA, 1973, f. 34).

O clima não envolve apenas diferenças, mas sentimento. Em 25 de junho de 1940: “Chove. Chuvinha gostosa, quase brasileira. Saudades da nossa chuva. Saudade do Brasil.” (ROSA, 1973, f. 76). A saudade do país amplia-se com a alegria da lembrança das filhas. “Recebi os retratos de Vilminha e Agnes!” (ROSA, 1973, f. 115).

Um dos prazeres da vida pode compensar o fato anterior ligado à realidade bélica, como em 19 de julho de 1940: “Discurso de Hitler, no Reichstag (ofensiva da paz). Comi a macarronada da Ara (!)” (ROSA, 1973, f. 83).

Em uma página, a sequência ininterrupta de “Alarme às 12, 45.” (ROSA, 1973, f. 84), de 21 a 24 de julho de 1940, com variações de minutos entre os horários de cada dia, somente iguais nos dias 21 e 22 (12,45).

Uma página também pode conter apenas o caso avulso trágico e curioso. Lembra o recurso literário de incluir em meio ao enredo da narrativa um caso, que aparentemente destoa do restante, cujas associações cabem ao leitor, como na história dos irmãos Hess, “milionários, que eram judeus, casados com cristãs. Primeiro, fizeram-se católicos, batizaram-se. As mulheres não quiseram emigrar com eles. Mataram-se, ambos, a fim que as esposas e os filhos não fossem prejudicados no dinheiro.” (ROSA, 1973, f. 103).

Na linguagem, convivem recursos poéticos e coloquialidade – “O tiroteio está brabíssimo! Espiei um pouco.” (ROSA, 1973, f. 120) – acompanhada de desenhos simples parecidos com fogos de artifícios. Às vezes, sem recursos estilísticos, apenas a informação, em 28 de outubro de 1940. “Hoje começou a invasão da Grécia pela Itália. Hitler foi conversar com Mussolini, em Florença.” (ROSA, 1973, f. 122). Ou sem comentário próprio algum, deixar apenas a ironia do comentário alheio, que depende sempre da perspectiva do enunciador, em 8 de janeiro de 1941: “Diz Ara que o jornal da tarde ataca furiosamente Roosevelt, chamando-o de ‘inimigo número 1 da paz do mundo’, e dizendo que ele devia ser fuzilado.” (ROSA, 1973, f. 159).

Sem data, mas após 25 de janeiro de 1941, inicia a primeira estrofe de “Poema dos que não aderem” (ROSA, 1973, f. 164), cujos primeiros versos: “Maria Theresa, eu vou de viagem,/ estou de passagem/ p’ra longe daqui.” Continua algumas páginas depois. Os versos que mais se relacionam ao significativo título são: “Tenho de seguir.” E em outra estrofe: “Não olhes para a estrada/ Não olharei para trás”. (ROSA, 1973, f. 168). João Guimarães Rosa expressa literariamente a não adesão que publicamente não era do seu feitio. Como última citação desse caderno, aqui se inclui a de fevereiro de 1941:

“Muita gripe na cidade.

E a América? Continua intervindoura (M%)”

(ROSA, 1973, f. 167, grifo do autor).

Seria o neologismo para marcar a intervenção vindoura dos Estados Unidos, que mudaria os rumos da Segunda Guerra Mundial?

O poema antecipou o que sucederia no ano seguinte: o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha. Do início de fevereiro ao final de maio de 1942, os diplomatas brasileiros, incluindo João Guimarães Rosa e Aracy de Carvalho, foram internados na estação termal de Baden-Baden e trocados por diplomatas alemães que estavam no Brasil. (SCHPUN, 2011, p. 362).

## REFERÊNCIAS

ROSA, João Guimarães. **Cadernos**. Coleção Henriqueta Lisboa. Acervo de Escritores Mineiros. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 1973.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Justa**. Aracy de Carvalho e o resgate dos judeus: trocando a Alemanha nazista pelo Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.